

3ª PARTE

POESIA



POEMAS DE DANIEL VARUJAN¹ TRADUÇÃO DE LUCIANO MAIA

A SEMENTEIRA

(Daniel Varujan – tradução *Luciano Maia*)

É o semeador. – Ergue-se vigoroso
Entre os raios dourados do ocaso.
Os campos da pátria, aos seus passos,
Estendem escancarada a própria nudez.
O seu avental está repleto de grãos
Colhidos às estrelas. As espigas de um ano, ressequidas,
Aguardam a palma da sua mão gigante
Que desponta sobre os campos como uma aurora.
Semeia, camponês – em nome do pão da tua casa
Não conheça limite o teu braço;
Estes grãos que espalhas vão se derramar
Amanhã sobre a cabeça dos teus netos.
Semeia, camponês – em nome do miserável faminto
Não saia diminuída a tua mão;
Hoje um pobre, no candeeiro do templo,
Derramou a última gota de azeite para a colheita de amanhã.

1 Daniel Varujan (1884-1915), poeta armênio, hoje reconhecido como um clássico da literatura armênia, graças ao trabalho de divulgação de Antonia Arslan, professora de Literatura Italiana em Padova. Daniel Varujan foi vítima, aos 31 anos de idade, do genocídio perpetrado pelo governo turco sobre a população armênia, desde o início do século XX e que em 1915 ceifou a vida de mais de 1 milhão e meio de vidas armênias, pelo simples fato de não abandonarem a fé cristã para se tornarem mulçumanos.

CRUZ DE ESPIGAS

(Daniel Varujan – tradução *Luciano Maia*)

Ofereço-te, Mãe, as primícias da minha colheita.
Consagra-as sobre o teu altar onde, desde séculos,
a cera alourada das nossas colmeias
difundem luz e lágrimas.

Tu, santa protetora da terra dos meus pais,
aos quais concedeste a imortalidade do paraíso;
o botão tornaste flor, a esperança uma aurora
que sorri à minha cabana.

Tu, esta cruz de espigas, entrançada com as minhas mãos,
aceita, Mãe. Em meio do meu trigo
elas pendiam como virgens de cabelos ruivos
transbordantes de sol e maduras.

Sob a minha foice, com a geada ainda sobre a cabeça,
caem como um raio ceifado da lua.

Nenhuma calhandra bicou
as suas fileiras intactas.

Eu as entrancei, cabeleira sobre cabeleira,
na cruz do teu Filho ferido de morte
cujo sangue, fogo santo de cada Páscoa
bebem os nossos sulcos.

Entrancei-as às minhas esperanças, aos meus desejos:
a seiva dos campos, o fogo do sol.

O relâmpago das relhas do arado e o ímpeto do meu braço viril,
a prece dos meus netos.

Mãe, bendiz esta cruz de espigas e doa aos nossos campos
um verão de ouro e uma primavera de pérolas;
os celeiros estarão mais cheios, mais luz
darão as velas ao teu altar.

Faz, te peço, que – como nos dias antigos –
quando de campo em campo virás a passear,
os espinhos não toquem os teus pés, mas apenas as papoulas
frementes como o nosso coração.